

Salesópolis troca eucalipto por mata atlântica para atrair turista

Produção de madeira perde rentabilidade; Prefeitura apóia iniciativa de dez agricultores

Wagner Oliveira
de Salesópolis

Produtores de eucalipto de Salesópolis (95 km a leste de SP) estão plantando mata atlântica em suas propriedades para exploração do turismo. A iniciativa partiu de um grupo de dez agricultores em busca de um meio alternativo para complementar o rendimento obtido com o plantio da madeira para a indústria da celulose. A Prefeitura apoiou a idéia e pretende transformá-la em projeto.

“Ainda é um embrião, que pode trazer benefícios ao meio ambiente em nosso município”, disse o presidente do Conselho Municipal de Meio Ambiente de Salesópolis, Osmail de Cassia Siqueira Ribeiro. Os pioneiros reduziram a área de eucalipto para cultivar a mata. A floresta poderá ser usada para caminhadas por trilhas, esportes radicais, construção de pousadas e retiros espirituais.

O produtor José Bin está apostando nisso. Ele diminuiu a área plantada de eucaliptos e construiu um restaurante em sua propriedade, o Zebin. O objetivo foi aproveitar as belezas naturais do sítio,



Ana Cristina Stabelito

■ Além do ar puro, nascente do rio Tietê é um dos principais atrativos da região

que tem cachoeira e é cortada por um rio de águas límpidas, para receber turistas.

O diretor da Fundação Mata Atlântica, Mario Montovani, disse duvidar do êxito da iniciativa. “Se tudo não estiver amarrado em

um projeto bem elaborado, a idéia não prospera. Mas é bom que iniciativas deste tipo comecem a aparecer”, afirmou. Ele disse que, para dar certo, o programa precisa estar amparado por órgãos estaduais responsáveis pela preserva-

ção ambiental, como a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), a indústria e os produtores. “Os agricultores ainda são muito dependentes da renda do eucalipto”, disse. ■

Página 3

INSTITUTO	DOCUMENTAÇÃO
Fonte	FM (6 de SP)
Data	11-17/10/2001 Pg 1 & 31
Class.	10

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: GM (Gde SA)

Data: 11-14/10/2001 Pg. 3

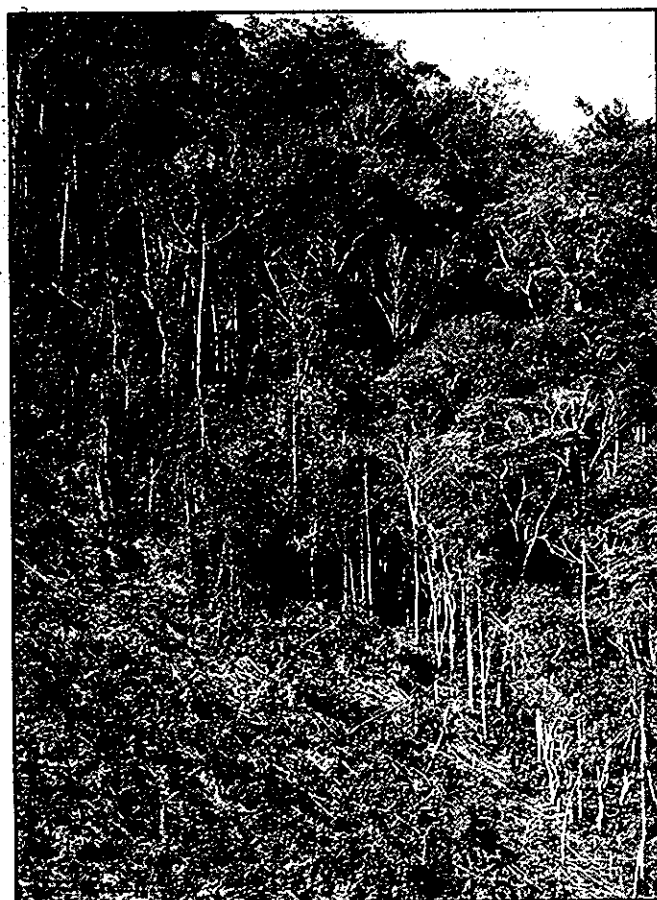
Class.: 10

PRODUÇÃO

Salesópolis procura alternativas ao eucalipto

Cultura movimenta 80% da economia no município, mas setor passa por dificuldades; águas limpas da nascente do Tietê são atração turística

Fotos: Ana Cristina Stabeito



■ Eucalipto ocupa 10 mil hectares, 70% da área útil da cidade; cultura teve início nos anos 70

Wagner Oliveira de Salesópolis

A Prefeitura de Salesópolis pretende utilizar parte das verbas estaduais destinadas ao município para ampliar projetos que garantam um meio alternativo de renda a produtores de eucalipto, cultura que movimenta 80% da economia do município. A cidade ganhou em fevereiro deste ano a condição de estância turística. Por isso, terá direito no ano que vem a recursos do Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias (Dade).

Com a privatização da Companhia Energética de São Paulo (Cesp), a Prefeitura pretende fornecer a partir do ano que vem projetos e mudas do plantio de mata atlântica aos agricultores. Era a estatal que dava apoio aos agricultores para o reflorestamento de propriedades, principalmente, o de mata ciliar. "Pretendemos cooperar mais com os agricultores que estão reduzindo a área de eucalipto para dar lugar a plantas nativas", afirmou o presidente do Conselho do Meio Ambiente de Salesópolis,

Osmail de Cássia Siqueira Ribeiro.

Ao optar por explorar o turismo em suas propriedades, agricultores seguem a vocação da cidade, que abriga a nascente do Rio Tietê, transformada em parque com o apoio de ONG's, como a Fundação SOS Mata Atlântica. Outros pontos turísticos são o Parque Aterro Pinheirinho e Usina Parque Salesópolis, que vai voltar a produzir energia depois de ficar cerca de 20 anos desativada. A cidade recebe pelos menos mil turistas por semana — a maior parte de estudantes da Grande São Paulo interessados em conhecer o local onde nasce o poluído rio que corta a capital, mas que ali tem águas limpas.

"O produtor de Salesópolis tem de buscar meios alternativos para



Produção de eucalipto é usada principalmente para a indústria de celulose; construção civil é alternativa

sobreviver. Só com o plantio de eucalipto, dificilmente consegue sustentar a família. O turismo é uma das alternativas", afirma o presidente da Cooperativa Agrícola Mista do Alto Tietê Ltda. (Comati), Jesus Jacinto da Silva. Para ele, a mata atlântica e a produção de eucalipto podem conviver conjuntamente, desde que haja manejo adequado.

Segundo ele, a renda de uma família de cinco pessoas que vive da cultura do eucalipto caiu de cinco salários mínimos no começo da década de 90 para dois e meio salários mínimos hoje. "Os insumos subiram, e a indústria não pagou pelos aumentos de custo. Em consequência, nossa classe começou a empobrecer. A tendência é piorar ainda mais nos próximos anos", diz o sindicalista.

De acordo com a Comati, a indústria paga cerca de R\$ 30 pelo metro cúbico do eucalipto, utiliza-

principalmente pela indústria da celulose. "Os custos chegam a 50% desse rendimento", afirma o presidente da cooperativa. A produção de cerca de 450 mil metros cúbicos anuais de Salesópolis é absorvida em sua maioria pelas companhias Votorantim e Suzano.

A Comati tem aproximadamente 250 cooperados. O município conta com pelos menos 600 produtores que sobrevivem da cultura. A cooperativa tem buscado outros meios de sobrevivência para a classe, como destinação de parte da produção para a construção civil — que aproveita o eucalipto em andaimes e escoramento de estruturas. Outra alternativa é a produção de hortaliças e a fruticultura.

O plantio do eucalipto começou em Salesópolis (95 quilômetros a leste de São Paulo) no início dos anos 70, incentivado pela indústria. O cultura ocupa uma área de 10 mil hectares, 70% da área útil do município. ■

Diversificação com palmito pupunha fracassa

Uma das iniciativas para diversificar o trabalho dos produtores de eucalipto não obteve bons resultados em Salesópolis, município que tem rígidos controles ambientais por abrigar cerca de cinco mil pontos de nascentes d'água.

Sete anos atrás o governo estadual iniciou um programa para incentivar a produção do palmito pupunha. Hoje, o município não tem mais do que 20 produtores da cul-

tura entre os 600 agricultores que sobrevivem do eucalipto.

"A planta não resiste a geadas, que costumam atacar o município de Salesópolis. Por isso, muitos agricultores não quiseram levar o plano de diversificar sua produção com o pupunha", afirmou Sônia Maria Fabria, engenheira agrônoma da Casa da Agricultura, órgão do governo estadual.

De acordo com ela, dos 20 pro-

dutores, 15 fazem a comercialização da produção. Pertencem a ela a maioria das 500 mil plantas existentes no município. "A produção poderia ser muito maior, mas a cultura se mostrou mais rentável nas áreas litorâneas, onde o clima não está sujeito a quedas bruscas de temperatura", afirmou.

O presidente do Conselho de Meio Ambiente de Salesópolis, Osmail de Cássia Siqueira Ribeiro,

afirma que o município ainda enfrenta exploração do palmito-juçara, que é nativo.

"Depois de cortado, o juçara acaba. A maioria dos exploradores ilegais vêm de fora da cidade, criando dificuldades para sua fiscalização e até prisão", afirmou. O corte da palmeira do palmito-juçara empobrece a mata atlântica, já que é uma das plantas do ecossistema. ■

(W.O.)